

**REMHU**

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

REMHU - Revista Interdisciplinar da

Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

remhu@csem.org.br

Centro Scalabriniano de Estudos

Migratórios

Brasil

Baggio, Marileda; Susin, Luiz Carlos

O CLAMOR DAS MIGRAÇÕES E O MAGISTÉRIO DA IGREJA

REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 20, núm. 39, julio-diciembre, 2012, pp. 211-228

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios  
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042016011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



# Artigos

## O CLAMOR DAS MIGRAÇÕES E O MAGISTÉRIO DA IGREJA

Marileda Baggio\*  
Luiz Carlos Susin\*\*

Nos dois mil anos de história da Igreja católica houve muitos avanços e recuos no que tange à complexidade relacionada aos fluxos migratórios. Tendo como inspiração bíblica “Eu era estrangeiro e você me acolheu”, o Magistério da Igreja foi crescendo na reflexão sobre a questão migratória e, particularmente depois do Vaticano II, começa a ver o migrante como recurso para mudar os rumos da história, como propagador de novas culturas, novas experiências, novos valores e novas formas de viver a vida eclesial. O clamor das migrações interpela a Igreja e a questiona para que se ponha a caminho e mude sua prática. Dessa forma ela é o elo que pode tornar a humanidade, independente de credo, raça, nível social ou econômico, a grande família dos filhos e filhas de Deus, “a grande família humana”, segundo o Magistério mais recente.

**Palavras-chave:** Magistério; Migrante; Família humana.

\* Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, doutora em Teologia Sistemática e em Espiritualidade pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, pesquisadora bolsista da CAPES/MEC, pelo PNPD, no projeto da PUCRS, professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Teologia. E-mail: mariledabaggio@libero.it. Porto Alegre/Brasil.

\*\* Capuchinho, doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor do programa de pós-graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde coordena o Núcleo de Pesquisa Teologia e Sociedade e conduz o projeto de pesquisa Teologia e Libertação. É Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação e membro do Comitê de Redação da Revista *Concilium*. Porto Alegre/Brasil.

## Introdução

Quando o trem começou a atravessar a Bélgica houve uma inquietação geral em meio às autoridades eclesiásticas locais: o trem não era coisa boa, iria trazer gente estranha e ideias perigosas para as aldeias por onde passasse. O trem colocaria em movimento um mundo de comunidades bem assentadas e bem governadas. Portanto, a Igreja era contra o trem. Bem, isso não virou doutrina social da Igreja, tratava-se de um instinto de defesa diante do perigo que representa o que é estranho, a chegada do outro e o que o outro provoca como movimento para algo novo e desconhecido. O trem pode bem representar um momento dos tempos modernos que puseram o mundo em um movimento cada vez mais acelerado. Mas não foi o primeiro. Colombo e suas caravelas tocadas pelo vento representam melhor os inícios do movimento provocado pela modernidade. No entanto, ele e tantos outros que chegaram às Américas, que eram os estranhos a chegar, narram a forma hospitaleira com que, de modo geral, foram recebidos pelos nativos. O estrangeiro pode ser visto de outra maneira, pode ser acolhido com amizade e liberdade de espírito, como guardam as expressões alemãs *Gastfrei* e *Gastfreundlichkeit*. Os índios das Américas não sabiam o quanto eram perigosos os que estavam chegando. Foram ao seu encontro, e o resto desse encontro foi tragédia para os autóctones, não para os que chegavam.

É importante fazer memória deste doloroso início das Américas porque nações que hoje impõem fortes barreiras e restrições aos migrantes são as mesmas nações que, no início do movimento da modernidade, vieram em direção às regiões que, uma vez colonizadas, tornaram-se a mão de obra escrava e os recursos naturais e mercantis. E isso lhes deu a possibilidade de se tornarem as metrópoles de um mundo em movimento de globalização, uma relação entre metrópoles enriquecidas e suas colônias. Dessa relação surgiram conflitos e guerras que chegaram à segunda metade do século XX.

Agora é justamente dessas ex-colônias que se levanta a migração em direção às metrópoles, um mundo em que, seguindo a metáfora da física térmica, ainda não encontrou a sua isonomia populacional. Como entre regiões com temperaturas diferentes se estabelece uma linha de turbulência na busca de isonomia e de equilíbrio, não é um acaso, mas uma consequência histórica, uma natural busca de isonomia, ou seja, de equilíbrio, o que agora acontece nas fronteiras entre as metrópoles mais abastadas e as antigas colônias em penúria. Vale lembrar que a Igreja, como todo o cristianismo ocidental, está historicamente implicada nesses

movimentos, e hoje a questão posta pela migração é uma possibilidade de redenção de alguns erros históricos da própria Igreja pelos quais o Papa João Paulo II pediu perdão.<sup>1</sup>

É que no período colonial a Igreja se movimentou com grande energia e fervor em meio a uma tremenda ambiguidade, levada por uma teologia da missão que tinha pressupostos medievais, os mesmos pelos quais ela ficou contrariada com o trem na Bélgica. Nas aldeias da Europa ela temia a entrada do estranho. Nas colônias ela estava convicta de que devia fazer entrar todo estranho a ela na sua forma de ser comunidade eclesial assim como era obviamente na Europa, pois fora desta forma de ser Igreja já bem conhecida e estabelecida canonicamente não haveria salvação: *extra ecclesiam nulla salus*. Hoje sabemos que isso criou grande ambiguidade, mal-entendidos, injustiça e sofrimento, muita morte. Por isso evangelizar e organizar-se como Igreja desde o ponto de vista dos migrantes, dos refugiados, dos traficados de hoje, é possibilidade de redenção histórica para a própria Igreja, como diz esta citação do magistério:

Uma vez que, em muitos lugares, se encontram na mesma cidade e na mesma diocese, populações de línguas diferentes, que professam a mesma fé, mas com usos e ritos diversos, ordenamos severamente aos prelados de tais cidades ou dioceses providenciarem pessoas idôneas para celebrar o culto divino segundo os diversos ritos e idiomas, administrarem os sacramentos da Igreja e instruírem adequadamente esses grupos com a palavra e com o exemplo.<sup>2</sup>

É o ensinamento do IV Concílio de Latrão, de 1215, portanto no século XIII. Se na mesma cidade e diocese se encontram populações de línguas diferentes que, embora com a mesma fé cristã, têm usos e ritos diversos, justo no tempo em que a Igreja das catedrais e das sumas teológicas e canônicas estava bem estabelecida, então o desafio dos estranhos, dos que se movem, deve ter sido de alguma forma contínuo na Igreja. Menos para a Igreja pré-constantiniana, quando ela ainda era um “caminho”, como diz Lucas no evangelho e nos Atos.<sup>3</sup> Ou um “movimento”, o “Movimento de Jesus” que

<sup>1</sup> João Paulo II, na encíclica *Tertio millennio adveniente* fala do desejo de que o ano 2000 seja de fato a ocasião para uma purificação da memória da Igreja de “todas as formas de contratemunho e de escândalo ocorrido nos dois mil anos de história” (cf. n. 33-36).

<sup>2</sup> TASSELLO, Giovanni Graziano. “Introduzione”, p. 55.

<sup>3</sup> Nos Atos bem oito vezes a palavra “caminho” se refere ao modo de vida dos cristãos quando não tinham ainda este nome (cf. At 9,2; 9,27; 18,26; 19,9; 19,23; 22,4; 24,14; 24,22). No evangelho de Lucas também oito vezes se menciona o Caminho de Jesus: Lc 1,76; 3,4; 7,27; 8,5; 9,3; 14,23; 19,36; 20,21.

deu origem à Igreja.<sup>4</sup> Ela, a Igreja mesma, se sentia migrante, tão migrante diante das instituições bem estabelecidas e do poder político, que o autor da carta a Diogneto, no segundo século, podia dizer com convicção:

Os cristãos não são diferentes dos outros homens nem pelo território, nem pela língua, nem pelo modo de viver. Eles não moram numa cidade exclusivamente sua, não usam uma língua própria, nem levam um gênero de vida especial. (...) Moram em cidades gregas ou bárbaras, como coube em sorte a cada um, e, adaptando-se aos costumes de vestir, de comer e em todo o resto de vida, dão exemplo de uma forma de vida social maravilhosa que, segundo todos confessam, é inacreditável. Habitam na respectiva pátria, mas como estrangeiros; participam em todas as honras como cidadãos e suportam tudo como estrangeiros. (...) Todas as terras estrangeiras são uma pátria para eles e todas as pátrias são terras estrangeiras. (...) Obedecem às leis estabelecidas, mas através do seu teor de vida superam as leis. Amam a todos e por todos são perseguidos. Não os conhecem e condenam-nos; dão-lhes a morte e eles recebem a vida. São mendigos e enriquecem a muitos; encontram-se privados de tudo e tudo têm em abundância. São desprezados e no desprezo encontram glória; difamam-nos e é reconhecida a sua inocência. São injuriados e abençoam; são tratados de modo insolente e eles tratam com reverência. Fazem o bem e são punidos como malfeiteiros; e, embora punidos, alegram-se quase como se lhes dessem a vida. Mas os que odeiam não sabem dizer o motivo do seu ódio. Numa palavra, os cristãos são no mundo o que a alma é no corpo.<sup>5</sup>

É o retrato de uma eclesiologia que corresponde à evangelização, a uma boa notícia de futuro histórico para os migrantes, que ganha força se buscar suas fontes antes de Constantino, na Igreja apostólica. Examinando o magistério pontifício recente, de Leão XIII para cá, encontramos, de fato, uma abertura crescente na eclesiologia que a leva para os tempos pré-constantinianos. Devem-se acrescentar ao magistério pontifício o ensinamento e as medidas das Igrejas continentais, regionais, às conferências episcopais, em nosso caso específico as conferências episcopais das Américas, que, em alguns casos, se anteciparam.

Pode-se constatar com facilidade que o magistério cresceu junto com a migração. Na segunda metade do século XIX, por causas diversas, especialmente a pobreza generalizada no campo e o peso desumano do

<sup>4</sup> Cf. THEISSEN, Gerd. *O Movimento de Jesus: História social de uma revolução de valores*. São Paulo: Loyola, 2008.

<sup>5</sup> Carta a Diogneto, 5,1-17; 6,1.

trabalho na indústria crescente, intensificaram-se as migrações em diversos países da Europa para as Américas. Com as duas grandes guerras do século XX e, sobretudo, após a segunda guerra e as guerras de descolonização, as migrações ganharam nova fisionomia, inclusive com muitos refugiados. No final deste período, o movimento principal de migração começou a se inverter. Das últimas décadas do século XX até o presente momento, com a nova globalização, a migração, os refugiados, os *desplazados*, o tráfico de pessoas e agora os “refugiados climáticos”, tornaram-se onipresentes por todo o globo e se movem em todas as direções.<sup>6</sup>

No último século, o mundo deu sinais de grandes avanços, sobretudo científicos e tecnológicos, que permitiram mudanças desde os setores agropastoris, da engenharia até a cura ou amenização de tantas doenças. Para onde pende o progresso pendem também as migrações. Foi o caso da busca de terras novas pelos europeus nos meados do século XIX, até a busca de solo urbano na atualidade.

Mas é, sobretudo, depois da segunda guerra mundial e dos problemas agravados ocorridos desde então que o Magistério da Igreja tomou consciência de que devia erguer sua voz em defesa dos migrantes. Nota-se um progresso no seu modo de pensar. Desde o medo de perder fieis até ver que o migrante é potencialmente um agente de transformação social, econômico, cultural, etc. Assim, a reação da Igreja diante do crescimento da mobilidade humana foi também crescendo em compreensão e em tomada de atitudes e ações. Pode-se dividir, a título de compreensão deste crescimento, em três grandes etapas.

### **1. Não perder os católicos: de Leão XIII a Pio XII**

O que primeiro tocou o magistério de Roma foi a saída de emigrantes italianos e o risco de perderem a fé, além das notícias de difíceis condições de vida na terra de destino. Partiam pobres e precisavam lutar para vencer a pobreza, mas precisavam também de assistência espiritual. Sintomaticamente, fala-se somente em “emigrantes”, e não em imigrantes ou simplesmente migrantes. Na carta *Quam aerumnosa*, de 1888, aos bispos dos Estados Unidos, Leão XIII chamava a atenção para o abandono dos italianos emigrados.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Segundo Rosita Milesi em torno de 5.000.000. O Brasil e os desafios da lei de migrações. Entrevista especial com Rosita Milesi, Diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos de Brasília, em 18 de janeiro de 2012, disponível em IHU, acesso em 20 de agosto de 2012.

<sup>7</sup> FONDAZIONE Migrantes della CEI. *Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni – Documenti magisteriali ed ecumenici sulla pastorale della mobilità humana (1887-2000)*, p. 73. O “rascunho” dessa carta foi encaminhado por Giovanni Battista Scalabrini ao Papa relatando as condições dos emigrantes italianos e, posteriormente enviada aos bispos americanos. Leão XIII insistia sobre o agir concreto da Igreja no que tange às migrações.

E na famosa *Rerum Novarum*, de 1891, ao defender o direito à propriedade privada com impostos razoáveis, Leão XIII de certa maneira sonha com a possibilidade de suspensão da sangria da emigração: “Ninguém, com efeito, quereria trocar por uma região estrangeira a sua pátria e a sua terra natal, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável” (n. 65).

Pio X, que provinha de uma região italiana de forte emigração, que tinha compartilhado, como bispo de Mântua e Patriarca de Veneza, as suas preocupações com o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, preocupado com o abandono da fé, emitiu, em 1912, o Motu Próprio *Cum omnes catholicos*, insistindo que se fundassem, nas áreas de origem, comissões diocesanas e paroquiais que preparassem os que iriam migrar para levarem consigo uma fé sólida a ser conservada fielmente.<sup>8</sup>

A Igreja tomava consciência de que a preservação da fé dependia também da preservação da cultura, e deu assim impulso à criação de comunidades nacionais, étnicas, com clero das nações de origem. Esta tendência se generalizou e tem até hoje uma sobrevida importante.<sup>9</sup> Religião e cultura unidas teriam seus espaços próprios. Esse modelo pode ser encontrado em praticamente todo o continente americano. Em conclusão, a Igreja estrutura-se em comunidades autóctones, mais antigas, e comunidades de migrantes, com pouca relação entre ambas.

Esse período pode ser encerrado por um novo passo, com Pio XII, marcado pela criação de uma secretaria especial – Ofício para as Migrações

<sup>8</sup> Em 1908, Pio X fundou as comissões diocesanas e paroquiais a favor dos emigrantes com a finalidade de oferecer apoio e formação aos que partiam (Cf. NEGRINI, Angelo. *La Santa Sede y el fenómeno de la Movilidad Humana*, p. 194-195). Em 1912 constituiu junto à Congregação Consistorial uma secção especial para os emigrantes católicos de rito latino (PIO X. Motu Próprio *Cum omnes catholicos*, 15.8.1912, in AAS 4, 1912, p. 526-527). O decreto *Magni semper* de 1918, posterior ao Código de Direito Canônico, estabelecia o procedimento de autorização do clero para a assistência aos migrantes, sob a vigilância da Congregação Consistorial (BENTO XV. Decreto *Magni semper*, 30.12.1918, in AAS 11, 1919, p. 39-43). Já no final do século XIX o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, com grande sensibilidade para o drama dos migrantes, tomou algumas providências práticas: fundou uma congregação missionária para acompanhar as migrações italianas, e ele mesmo partiu em visita aos migrantes, conhecendo de perto as condições de vida e as necessidades dos migrantes. Estimulou Francisca Cabrini, que partiu para os Estados Unidos acompanhando os emigrantes e organizando o cuidado aos imigrados. Na mesma direção, mais tarde, em 1932, na Polônia, o Cardeal Augusto Hlond fundou a Sociedade dos Padres de Cristo para acompanharem os poloneses migrantes pelo mundo afora.

<sup>9</sup> Em alguns casos chegou a ser muito radical. É o que aconteceu, por exemplo, no sul do Brasil: a Associação Católica (Volksverein), uma organização trazidas por migrantes da Alemanha com a finalidade de zelar contra heresias e tendências revolucionárias, e que funcionava em Porto Alegre junto à Igreja São José, liderada por jesuítas alemães, fez um acordo com os migrantes alemães luteranos para ocuparem as novas terras do oeste catarinense: os católicos se assentariam em Porto Novo, hoje Itapiranga, enquanto os luteranos se assentariam em Porto Feliz, hoje Mondaí.

– junto à Secretaria de Estado, e pela Constituição Apostólica, em 1952, *Exsul Familia*.<sup>10</sup> Nela o Papa insiste no cuidado pastoral feito por clero da mesma nação de origem dos migrados, o que reforça as Igrejas étnicas, mas acentua algumas novidades:

1. O direito humano não só de migrar para buscar melhorar as condições de vida, mas de se estabelecer e de permanecer numa nova pátria. A migração integra os direitos humanos, principalmente diante dos fenômenos da xenofobia e das restrições injustas das políticas migratórias. Isso seria reafirmado até nas últimas intervenções, por exemplo, de conferências episcopais em nossos dias.

2. A necessidade de trabalhar pastoralmente juntos, a diocese em que se encontram os migrantes e o clero provindo para a assistência específica aos migrantes. Tal colaboração deve se dar sob a coordenação do bispo diocesano. O documento de Pio XII elabora uma teologia bíblica da migração, começando pela família de Nazaré como exemplo de família refugiada e migrante (n. 1).

## **2. Migrações: um apelo à justiça econômica e social**

João XXIII, o Concílio Vaticano II e Paulo VI representam um segundo momento do magistério da Igreja Católica. Embora retomem as posições anteriores e as reforcem, dão-se conta de que a mobilidade humana está intimamente conectada com a complexidade da economia, o que torna a migração também um fenômeno crescente e irreversível. Por isso, a migração somente será bem resolvida levando em conta que, afinal, somos a grande família humana, para além de qualquer distinção de nação, etnia e credo - com especial atenção para os muçulmanos, considerados por muitos como antagônicos ao mundo cristão.<sup>11</sup> Um aspecto importante nesta nova etapa do magistério é a afirmação de que o migrante é portador de valores, e quando é reconhecido em sua dignidade e integrado como cidadão da nova pátria torna-se uma fonte de novas riquezas humanas. As referências à

<sup>10</sup> Embora venha a ser substituída pela Instrução De Pastoral Migratorum Cura de 22 de agosto de 1969, portanto quase duas décadas mais tarde, permanece como referência seja pela sua parte histórica que pelos seus princípios fundamentais que guiaram a sua normatização. A Igreja começa na metade do século XX, depois de um período de estagnação, a empenhar-se com o fenômeno migratório, porém de forma pragmática e fragmentária. Depois da interrupção da guerra dos anos 1915-1918 as migrações tomam vulto. Porém os nacionalismos imperantes na Europa e União Soviética fecham as fronteiras para a imigração, todavia intensificando-se ao término da Segunda guerra mundial. Essa Instrução então se reveste de autoridade e eficácia a ponto de ser acolhida como a Magna Charta das migrações na segunda metade do século XX. Cf. De PAOLIS, Velasio. *Chiesa e Migrazioni*, p. 214-215.

<sup>11</sup> Cf. *ibidem*, p. 215.

migração se encontram em *Pacem in Terris*<sup>12</sup>, *Gaudium et Spes*<sup>13</sup>, *Ad Gentes*<sup>14</sup> e sobretudo o *Motu Proprio* de Paulo VI *Pastoralis Migratorum Cura*, de 15 de agosto de 1969.<sup>15</sup> Este documento retoma as diretrizes do Concílio, sobretudo na valorização do patrimônio espiritual e cultural dos migrantes e, consequentemente, as novas leituras e o novo dinamismo pastoral por parte da Igreja. Na sequência, a Instrução *De Pastorali Migratorum Cura*, emanada pela Congregação para os bispos em 22 de agosto de 1969<sup>16</sup>, oferece diretrizes que ajudam as Igrejas locais a dinamizarem a pastoral e a evangelização no campo da mobilidade humana.<sup>17</sup> Paulo VI tinha sido, sob o pontificado de Pio XII, a alma da fundação da Comissão Católica Internacional para as Migrações, para atuar em urgências migratórias e de refugiados depois da segunda grande guerra mundial. Essa Comissão continua viva e atuante.<sup>18</sup>

Os anos de 1969 e 1970 representam o ponto de partida da atual organização da pastoral junto aos migrantes em toda a Igreja Católica. Em março de 1970 criou-se a Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e do Turismo, atual Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Esta Comissão publicou uma carta às conferências episcopais

<sup>12</sup> “Deve-se deixar a cada um o pleno direito de estabelecer ou mudar domicilio dentro da comunidade política de que é cidadão; e mesmo, quando legítimos interesses o aconselhem, deve ser-lhe permitido transferir-se a outras comunidades políticas e nelas domiciliar-se. Por ser alguém cidadão de um determinado país, não se lhe tolhe o direito de ser membro da família humana, ou cidadão da comunidade mundial, que consiste na união dos seres humanos entre si” (JOÃO XXIII. *Pacem in Terris*, 1<sup>a</sup> parte). “O contato direto com pessoas de outra cultura pode constituir precioso fator de enriquecimento intelectual e espiritual, através de um contínuo processo de assimilação cultural” (*ibidem*, 3<sup>a</sup> parte), enfatizando uma convivência fundada sobre a verdade, a justiça, o amor e a liberdade.

<sup>13</sup> *Gaudium et spes*, n. 58, 65, 84.

<sup>14</sup> “Pertence igualmente às Conferências episcopais fundar e promover obras para fraternalmente receber e com o devido cuidado pastoral amparar os que, por motivos de trabalho e estudos, emigram das terras de missão. Por que por elas os povos longínquos de certa forma se tornam vizinhos, e às comunidades de há muito cristãs se oferecem ótimo ensejo de diálogo com as nações que ainda não ouviram o Evangelho, e de lhes mostrar, no próprio ofício do amor e solidariedade, o autêntico rosto de Cristo” (*Ad gentes*, n. 38).

<sup>15</sup> Paulo VI enfatiza a necessidade de renovação e aperfeiçoamento da estrutura da pastoral para os migrantes (PAULO VI. *Motu Proprio Pastoralis Migratorum Cura*, n. 1).

<sup>16</sup> Em obediência ao Decreto *Christus Dominus* n. 18 que dá as novas diretrizes sobre o cuidado pastoral dos migrantes (cf. De PAOLIS, op. cit., p. 62).

<sup>17</sup> A Instrução *De Pastoralis migratorum cura*, [...] segundo as exigências do fenômeno migratório moderno, entendeu ser necessário atualizar oportunamente a constituição apostólica *Exsul familia* [...] (Introdução).

<sup>18</sup> A Comissão Católica Internacional para as Migrações (ICMC), com a aprovação da Santa Sé, trabalha com refugiados, deslocados e imigrantes forçados de todas as raças, credos e nacionalidades, albergando uma rede com mais de 300 especialistas em matéria de reinstalação. A ICMC foi fundada em 1951, pelo então Arcebispo Montini (futuro Papa Paulo VI) após a grande e trágica mobilidade de pessoas na Europa, sobretudo, Oriental, causada pela II Guerra Mundial. Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticia.php?id=21385>. Acesso em 08.8.2012.

sobre “Igreja e mobilidade humana”, em 1985<sup>19</sup>, que aclara o trabalho a ser feito. Sob a coordenação da Congregação para os bispos, as Conferências episcopais e a colaboração entre Conferências se tornaram cada vez mais o eixo da pastoral junto aos migrantes, como veremos em seguida para as Américas. Mas as Ordens e Congregações religiosas missionárias, já experientes nesses assuntos, e os leigos em comissões locais, foram convocados a um esforço comum. Desde então as Conferências tem dedicado cada vez mais sua atenção aos desafios pastorais da migração. Começaram a se multiplicar as iniciativas de caráter teórico e prático, como congressos e instituições ou centros de ajuda aos migrantes por toda parte, como também mensagens do Papa por ocasião do Dia Mundial dos Migrantes, dia fixado por cada conferência episcopal no seu calendário litúrgico.

### **3. Migrações, um sinal dos tempos**

Nas últimas três décadas Ocorreram profundas mudanças estruturais na economia mundial e na geopolítica. A queda dos sistemas comunistas, a entrada num período de capitalismo liberal exacerbado, a emergência da China, a presença dos povos árabes e muçulmanos no Ocidente, a fuga da pobreza e a intensa busca de oportunidades em países do norte por parte de latinos e africanos, como também as novas formas de comunicação e de tecnologia, e a busca de trabalhadores especializados, levaram a uma globalização em que o fenômeno migratório se tornou não só sintoma, mas uma das causas mais notáveis da mudança de época.

A migração, de fato, é um dos indicadores mais importantes para constatarmos que não estamos apenas vivendo uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Se tomarmos como critério a datação ou periodização clássica, europeia, da História em “antiga”, “média” e “moderna”, verificamos que todas elas começaram com gigantescas migrações que reconfiguraram a geopolítica. O começo da antiguidade é marcado pela migração de povos do centro da Ásia e da África em direção ao Mediterrâneo e Oriente Médio. O começo da Idade Média é marcado por nova onda migratória de povos germânicos, francos, etc., irrompendo para dentro do império romano. O começo da modernidade acontece com as grandes navegações que lançaram europeus por todo o globo e arrastaram africanos para as Américas. O atual movimento migratório, que a ONU calcula em mais de 200 milhões

---

<sup>19</sup> PONTIFICIA Commissione per la Pastorale delle Migrazioni e del Turismo. *Chiesa e Mobilità Umana*. Documento della Santa Sede dal 1883 al 1998.

de migrantes internacionais,<sup>20</sup> sem considerar as migrações internas<sup>21</sup> em praticamente todos os países e que poderá vir a aumentar com os “refugiados climáticos” ou ambientais, vai decidir a fisionomia da cultura e também da religião num futuro não muito distante por todo o globo. O trem que começou a atravessar a Bélgica agora atravessa mares<sup>22</sup> e céus por todo lado, pula muros, fura fronteiras,<sup>23</sup> vai abolindo um mundo dividido em nações. A questão agora não é ser contra ou a favor deste trem, mas como evitar a injustiça e o caos e ajudar a organizar a grande família humana.

João Paulo II trata da questão migratória nas encíclicas *Laborens Exercens*, de 1981, e *Redemptoris Missio*<sup>24</sup>, de 1990, mas é sobretudo em suas mensagens anuais por ocasião do Dia Mundial dos Migrantes que aprofunda pastoralmente a questão, com a sensibilidade de um filho de povo migrante, os poloneses. Trata especialmente da presença de não cristãos em países de tradição cristã, necessitados de acolhida, de diálogo e de fraternidade. Nesse período, de fato, acrescenta-se à questão econômica, à superação da pobreza e à questão cultural com a necessidade e o direito de preservar a própria cultura em regiões cada vez mais multiculturais, também o direito de preservar a própria profissão religiosa num mundo cada vez mais atravessado por um pluralismo religioso. O direito e o respeito à liberdade religiosa, consagrados pelo Vaticano II e antes reclamados em relação aos países de regime comunista, agora se tornam um desafio concreto para os lugares de tradição cristã; e, para além da liberdade, também a superação

<sup>20</sup> O mundo conta atualmente, segundo a OIM (International Organization for Migration), com cerca de 214 milhões de imigrantes.

<sup>21</sup> Fala-se em 740 milhões de migrantes internos no mundo (cf. BATTISTELLA, Graziano. “Migrazioni”).

<sup>22</sup> Somente nos primeiros meses do ano de 2012 chegaram à ilha mediterrânea de Lampedusa, Itália, um número superior a 6 mil migrantes de várias nacionalidades: eritreus, somalis, nigerianos, ghanenses, egípcios e libaneses (cf. <http://cri.it/flex/cm/pages/ServeBLOB.php/L/IDPagina/7171>). Acesso em 20.08.2012).

<sup>23</sup> Exemplo disso são os mexicanos, que têm uma história migratória antiga e longa. Nos Estados Unidos são cerca de seis milhões, segundo um estudo divulgado pelo Centro Hispano Pew (cf. <http://www.coladaweb.com/sociologia/imigracao-illegal-estados-unidos>). Acesso em 12.08.2012). Os haitianos por sua vez têm uma história recente (cf. <http://www.coladaweb.com/sociologia/imigracao-illegal-estados-unidos>; acesso dia 12 de agosto de 2012). O número de haitianos migrantes e refugiados nos países da América Latina iniciou em 2009 e continua crescendo após o terremoto de 12 de janeiro de 2010. Este crescimento manifesta-se claramente nos registros de entrada de nacionais haitianos em duas das principais portas de ingresso dos caribenhos à região: o Equador e o Chile. O Governo brasileiro estima em mais de mil o número de haitianos que tem chegado de maneira irregular ao seu território através da tríplice fronteira situada na Amazônia (Colômbia - Peru - Brasil), principalmente por Tabatinga e pelo Acre. Outros haitianos entraram no Brasil por Epitaciolândia, Rondônia e Mato Grosso do Sul, através da fronteira com a Bolívia. Embora o número total seja relativamente pequeno para o Brasil, há um aumento exponencial como tendência.

<sup>24</sup> Nesta Encíclica o Papa se refere ao fenômeno das migrações como algo próprio da época contemporânea, colocando-a entre os novos fenômenos sociais e entre as grandes transformações contemporâneas, com uma característica peculiar (cf. *Redemptoris Missio*, n. 27).

da indiferença em direção ao diálogo e à fraternidade, com a possibilidade de mútuo ensinamento e aprendizado. É pela migração que tudo isso sai do idealismo teórico e se torna uma prova prática frequentemente difícil.

Em termos de documentos, no entanto, o último e bem elaborado documento que serve até hoje de *Vademecum* para uma Igreja que faz opção preferencial pelos migrantes, é a Instrução do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, *Erga Migrantes Caritas Christi*, de 14 de maio de 2004.<sup>25</sup> Nele se examina, mais uma vez, de forma mais exaustiva o fenômeno migratório, chamado de “sinal dos tempos”. Também se repassa o que a Igreja tem feito e escrito oficialmente até então, e se parte para as questões que devem interessar a pastoral em relação à migração:

1. Considerar a questão das culturas, do pluralismo cultural e da necessidade de pensar o evangelho de forma inculturada (Parte II).
2. Considerar a pastoral fundamental da acolhida e da hospitalidade, (n. 34ss).
3. Considerar a liturgia e a religiosidade popular nas comunidades cristãs, e levar em conta as orientações jurídicas para os sacramentos em cada tradição católica e nas relações ecumênicas (n. 44ss).
4. Levar em conta a necessidade do diálogo inter-religioso junto à acolhida (n. 69ss).
5. Mobilizar agentes de pastoral apropriados tanto nos lugares de emigração como nos lugares de imigração. A palavra chave para a pastoral com migrantes é, aqui, “Comunhão”. E a metodologia é a da “Participação”, no sentido de abrir espaço e estimular a que os próprios migrantes sejam sujeitos, agentes, da pastoral da sua comunidade de migrantes e pontes de integração com a comunidade local mais ampla (Parte III, n. 70-88).
6. Agilizar estruturas de pastoral missionária junto aos migrantes, de forma articulada, nos diferentes níveis locais, regionais, nacionais, internacionais (Parte IV, n. 89ss).
7. Finalmente, manter o horizonte de uma missão universal, na qual hoje a migração é o maior desafio prático. Aqui são lembradas as palavras de um dos primeiros padres da Igreja, o leigo e filósofo Justino, que acreditava firmemente nas *Semina Verbi*. É tempo de voltar com esperança para uma

<sup>25</sup> A Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi* foi publicada pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, no dia 14 de maio de 2004. A elaboração foi precedida de um levantamento realizado junto à Igrejas locais para identificar a situação e as necessidades concretas das pessoas em mobilidade – migrantes e refugiados – em cada país, objetivando adequar a ação da Igreja na dimensão da solidariedade, justiça, sensibilização, formação, coordenação e evangelização, bem como a divulgação da visão cristã sobre a dignidade e a mobilidade humanas.

pastoral de diálogo, de comunhão, na edificação do Reino de Deus como humanidade reconciliada, uma só família (n. 96-97).

Um apêndice muito prático trata de ordenações jurídicas para enfrentar com a maior clareza possível situações de encontro de religiões, por exemplo, em casamentos e famílias, que acontecem justamente nas condições de migrantes.

A *Erga Migrantes Caritas Christi* é um texto de referência obrigatório para quem deseja se aprofundar na pastoral junto aos migrantes. A Fundação *Migrantes*, da Conferência episcopal italiana elaborou também um *Enchiridion* da Igreja para as Migrações, útil para a teologia e a pastoral das migrações.<sup>26</sup>

#### **4. Enquanto isso, na América Latina**

Na América Latina, excetuando o caso específico do México e sua histórica questão de fronteiras com os EUA, a migração começa a ser sentida como um desafio depois da América do Norte. Como em todas as partes das Américas, as imigrações foram um modo de povoação com projetos de progresso e modernidade por quase toda a América Latina. Na Assembleia do Rio de Janeiro, de 1955,<sup>27</sup> o episcopado latino-americano, em consonância com a *Exsul Familia*, menciona o direito de migrar e o dever de bem acolher as migrações: é questão de justiça social e de solidariedade. Mas, uma vez cessada a migração em grupos vindos principalmente da Europa, do Japão e da China, tanto Medellín como Puebla mencionam os pobres que buscam trabalhos de um lado para outro em migrações internas ou os que buscam refúgio por causa das ditaduras e guerrilhas, mas sem prolongar-se em muitas linhas. Os migrantes internacionais não entram ainda como um “rosto” latino-americano. Somente diante do crescimento da migração em direção ao Norte ou dos violentos deslocamentos de populações – os *desplazados* - o documento de Santo Domingo inclui o rosto do migrante nos diferentes rostos populares aos quais deve se dirigir a atenção pastoral,<sup>28</sup> dedicando-lhe alguns parágrafos

<sup>26</sup> Compêndio da Fondazione Migrantes della Conferenza Episcopale Italiana. *Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni*.

<sup>27</sup> Concentra sua atenção sobre duas categorias de migrantes: os migrantes europeus ainda em grande número e a “gente de mar”, com a criação ou ampliação de *Stella Maris* (cf. PARISE, Paulo. “A migração nos documentos da América Latina e no Caribe: uma abordagem teológico-pastoral”, p. 53). Para clarear o termo *Stella Maris*, anota o autor. “Os centros de acolhida dos marinheiros dirigidos pelo Apostolado do Mar são comumente conhecidos como *Stella Maris*. Este apostolado é uma rede internacional de associações católicas fundadas em 1922. Atualmente pertence ao Pontifício Conselho para os Migrantes e Itinerantes”. A atenção aos imigrantes europeus vai desaparecendo nos outros documentos latino-americanos.

<sup>28</sup> Documentos de Santo Domingo, n. 178.

<sup>29</sup>(SD 186-189) em que se salienta a tomada de consciência da feminização<sup>30</sup> crescente da migração e o tráfico de pessoas para trabalho escravo.

O documento de Aparecida, de 2007, no entanto, dedica alguns parágrafos importantes aos migrantes, refugiados, *deplazados*, e ao tráfico de pessoas, voltando ao fenômeno da crescente feminização da migração, pois é notório que as mulheres e as crianças são as que mais sofrem nesses processos migratórios, sobretudo quando são migrações irregulares. Mas Aparecida não trata simplesmente como problema. Também em consonância com os documentos de outras regiões e com as mensagens do Papa por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Itinerante, Aparecida sublinha os aspectos positivos portados pelos migrantes. Sublinha o fato como algo “novo e dramático”, e salienta a dimensão de uma só humanidade, uma só família humana sem fronteiras. Insiste numa atitude profética da Igreja em relação à migração, com maior cuidado nas estruturas de acompanhamento e salienta que o migrante é um recurso e não só um problema, que pode se tornar sujeito na comunidade humana e eclesial em que é inserido (n. 411-415). Enfim, não esquece que o migrante é uma ajuda econômica às suas famílias que estão na pobreza em seus países de origem, o que revela sua forma realista de solidariedade, “ajuda de pobres para os pobres” (n. 416). O documento de Aparecida, no entanto, que fala de tudo, num estilo próprio ao magistério, esquece a complexidade do pluralismo religioso que acompanha as migrações e os refugiados.

As conferências das Américas se mantêm ativas em relação ao desafio pastoral das migrações. Para citar o ano de 2011, em fevereiro aconteceu uma reunião de bispos responsáveis pela Pastoral da Mobilidade Humana da América Central, México, Estados Unidos e Canadá, em Tecún Umán fronteira da Guatemala com o México.<sup>31</sup> De 01 a 03 de junho reuniram-se bispos da América do Norte, do Centro e Caribe em São José de Costa Rica, com representantes

<sup>29</sup> *Ibidem*, n. 186-189.

<sup>30</sup> Relatórios recentes de vários organismos confirmam o aumento internacional da migração feminina. Fala-se em “feminização das migrações”, para designar essa realidade. Destaca-se desde o perfil da mulher migrante até as mudanças quantitativas e qualitativas (cf. REMHU, Editorial, ano XV, n. 29, 2007, p. 3). Na Europa, até o ano de 2005, 53,4% da migração era feminina (cf. MARINUCCI, Roberto, *Feminization of migration?*, p. 11). “As proporções de tal envolvimento variam notavelmente no interior dos diversos países, mas o número das mulheres nas migrações tende a ser igual àquele dos homens” (JOÃO PAULO II. “Penso a voi, donne cristiane, che nell’emigrazione potete rendere un grande servizio alla causa dell’evangelizzazione”. *Messaggio per la Giornata Mondiale del Migrante*, 10.08.1994, in FONDAZIONE Migrantes della Conferenza Episcopale Italiana, *op. cit.*, p. 498).

<sup>31</sup> Cf. <http://www.cem.org.mx/index.php/noticias/celam/954-encuentro-de-obispos-catolicos-responsables-de-la-pastoral-de-migrantes-en-canada-estados-unidos-mexico-y-america-central>. Acesso em 31.08.2012

do CELAM e Caritas Internacional.<sup>32</sup> Nessas reuniões foram discutidos os abusos sobre migrantes, o incremento da violência criminal e oficial, como a deportação em condições desumanas, e a necessidade de proteção legal. Traçaram-se estratégias comuns, num sentido de catolicidade encarnada.

É muito recente o fenômeno preocupante das vítimas e dos refugiados por causa do meio ambiente devastado pelo aquecimento global. É possível que nos próximos anos, antes do que previam os cientistas, tenhamos este desafio à frente dos outros. O magistério da Igreja começa a prestar discretamente a atenção a esta nova e talvez logo mais principal questão para o futuro da humanidade. Não encontramos ainda um magistério assentado sobre isso, nem poderíamos esperar, mas é hora de conhecimento, reflexão e preparação de ações em torno da justiça sócio-ambiental, que diz respeito a vítimas e refugiados ambientais.<sup>33</sup>

Assim como o Fórum Social Mundial nasceu em terra latino-americana, junto às edições do Fórum Social Mundial vem acontecendo também o Fórum Social Mundial das Migrações. É um espaço em que grupos da Igreja têm parte na iniciativa, mas reuniu e continua reunindo organizações da sociedade civil ao redor do mundo, um momento marcante para ver, refletir e organizar ações em relação à migração, aos refugiados e ao tráfico de pessoas.<sup>34</sup>

## **5. Uma reflexão eclesiológica a partir da migração com dois aspectos**

O crescimento e o amadurecimento do magistério da Igreja em torno da migração, da mobilidade humana, dos refugiados e desplazados, do tráfico de pessoas e do consequente trabalho escravo, etc. passando para

<sup>32</sup> DECLARACIÓN de los Obispos Católicos y participantes en la Reunión regional sobre migración.

<sup>33</sup> Nesse sentido, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com seu programa Justiça, Paz e Integridade da Criação, tem levado adiante, desde os inícios da década de noventa, por ocasião da Eco-Rio 92, projetos específicos para vítimas e refugiados ambientais.

<sup>34</sup> Em outubro de 2010 aconteceu o IV fórum mundial no Equador, e em fevereiro de 2011 a Assembléia Mundial dos Migrantes em Dakar, junto ao Fórum Social Mundial ao Fórum Mundial de Teologia e Libertação, com aprovação da CARTA Mundial dos Migrantes, proclamada em Gorée (Senegal) em 4 de fevereiro de 2011. Ela deu novo tratamento à questão da migração, com a ligação entre migrações e diásporas. O V Fórum Social Mundial das Migrações acontece nas Filipinas em dezembro de 2012. Tema, Lema e Eixos do FSM! fruto de uma decisão tomada em 2010, o tema dos próximos fóruns será sempre o mesmo: "Povos em Movimento pela Cidadania Universal", entretanto o lema muda a cada novo fórum. Foi feita uma proposta de lema, a ser debatida nas próximas reuniões do CI e pela secretaria operativa das Filipinas: "Migrações e indignações, rumo a uma Globalização Alternativa". Foram também sugeridos quatro eixos que poderão nortear os debates: Crise Global, criminalização e direitos; Fluxos migratórios, fronteiras, violência e direitos humanos; Institucionalização de políticas anti-migratórias versus normas internacionais de Direitos Humanos; Migração, Resistências, Organização e Transformação (cf. <http://alainet.org/active/50558>). Acesso em 13.08.2012). O VI fórum está previsto para 2014, possivelmente em Porto Alegre, Brasil.

níveis cada vez mais amplos e, quando olhados desde os sujeitos que sofrem tais situações, desde a sua contribuição positiva, nos permitem colher uma eclesiologia revigorada e desafiadora, que resumimos em dois aspectos: a opção preferencial pelos pobres e as notas características da Igreja, sobretudo a sua catolicidade.

### **a) A opção preferencial pelos pobres como migrantes**

A opção preferencial pelos pobres, como sabemos, foi uma forma concreta de traduzir a eclesiologia do Povo de Deus para a América Latina depois do Concílio. Mas não é uma propriedade da Igreja na América Latina. É, como disse Bento XVI em Aparecida, em 2007, uma consequência intrínseca da cristologia, portanto uma questão de fidelidade de toda a Igreja a Jesus. Hoje, um dos rostos massivos dos pobres é o migrante, e por isso, no mundo todo, não simplesmente na América Latina ou nas Américas, esta fidelidade a Jesus, ao seu evangelho e ao Reino anunciado por ele é a opção preferencial ou a prioridade ao migrante. Hoje se espalha este desafio de forma global, tanto em países mais abastados como em países mais carentes.

Há duas características desta forma de opção preferencial ou desta prioridade a serem consideradas em relação aos migrantes:

1. Do ponto de vista da revelação e da salvação divinas, esta opção preferencial pelos pobres evidencia o *lugar teológico cristão* mais amplo e mais *próprio* ao mesmo tempo. Como *locus theologicus*, o migrante nos ensina a pensar em Deus de forma cristã e não de forma religiosa em geral que poderia seduzir como um espetáculo pagão. Trata-se da identificação do nosso Revelador e Salvador com os “pequeninos”. A mobilidade dos pobres nos dá uma nova percepção de “lugar” teológico, um lugar “em movimento”, muito próximo do Povo de Deus no caminho para o futuro que ainda não tem paisagem. Trata-se de um lugar em “des-locamento” ou uma condição humana sem lugar ainda, com o risco de uma vida “nua” – sem nome e sem rosto, como a pura transcendência divina - tomando a expressão “vida nua”, institucionalmente e juridicamente desprotegida, do filósofo Agamben.<sup>35</sup>

2. Do ponto de vista eclesial, embora Aparecida coloque a questão dos pobres, dos migrantes, etc. na sessão em que trata da “missão” dos discípulos missionários, na verdade os documentos mais específicos vêm tratando cada

<sup>35</sup> Vida “nua”, sem proteções legais, quando a ordem jurídica exclui da sociedade, é o que constitui o “*homo sacer*” de velha tradição romana. As narrativas e testemunhos de migrantes revelam esta condição que se torna expiatória – alguns recebem a humilhação e o sofrimento que lhes são descarregados por muitos. Sobre o “não lugar” de um lugar teológico em movimento, cf. BEDFORD Nancy E. “To speak of God from more than one place. Theological reflections from the experience of migration”, p. 95-118.

vez mais os migrantes como “sujeitos”, convidados a serem protagonistas e responsáveis na Igreja, sobretudo na pastoral junto aos que vivem com eles o mesmo drama e aventura. Não é, portanto, um objeto de assistência e de promoção humana simplesmente, mas um verdadeiro “sujeito eclesial”, como se diz do clero ou da hierarquia. Isso comporta um modo de ser Igreja que nos leva ao segundo ponto conclusivo.

### **b) A Igreja Católica, Una, Apostólica e Santa**

O migrante, mesmo o irregular não é um estranho, um estrangeiro na Igreja, sublinhou com força o Papa João Paulo II.<sup>36</sup> Volta-se aqui, depois do movimento do trem na Bélgica e de todos os movimentos que tornaram a terra uma aldeia global, à carta a Diogneto da Igreja dos primeiros tempos, em que não há mais divisão entre os que têm pátria e os que são estrangeiros nesta nossa aldeia: somos todos uma grande família, como se salienta diversas vezes nos documentos do magistério. A catolicidade da Igreja é colocada assim em evidência e também colocada à prova. Acrescente-se hoje o desafio de uma catolicidade “aberta”, hospitaliera, realmente “sinal de unidade de todo o gênero humano”<sup>37</sup>, já que a Igreja é chamada a acolher, servir e dar espaço também para os que tem outras tradições religiosas. E, conforme o título da carta dos bispos estadunidenses sobre migrações no ano de 2000 - *Unity in Diversity* - uma Igreja em que a unidade se constitui com a diversidade de línguas, culturas, tradições. A unidade deve supor espaços de diferenças, como insistiu o magistério e se praticou na pastoral com migrantes em separado, mas diferenças que comungam e que encontram momentos importantes de unidade visível. Enquanto sujeitos eclesiais e não simplesmente objetos da Igreja, os migrantes exercitam a apostolicidade - o testemunho de Jesus ressuscitado e Senhor - de forma mais simples e despojada, e por isso transparente. Finalmente, os migrantes ajudam decisivamente a fazermos o caminho da santidade de forma realista, encarnada e não gnóstica, santidade como amor mesmo sem reciprocidade, em generosidade encarnada. As quatro grandes notas de identidade da Igreja encontram aqui a sua realização e o seu maior desafio em nosso tempo.

<sup>36</sup> “Na Igreja ninguém é estrangeiro, e a Igreja não é estrangeira a nenhum ser humano e em lugar algum. Enquanto sacramento de unidade, e, portanto, sinal e força de agregação de todo o gênero humano, a Igreja é o lugar em que também os imigrantes ilegais são reconhecidos e acolhidos como irmãos” (“Mensagem para o Dia Mundial do Migrante de 1995”, n. 5, in FONDAZIONE Migrantes della Conferenza Episcopale Italiana, *op. cit.*, p. 506).

<sup>37</sup> *Lumen Gentium*, n. 1.

## Conclusão

O trem que atravessou a Bélgica causando inquietação na Igreja continua e acelera até hoje. O “comboio” da globalização continua a passar pelos países, continentes, mar e ar. O trem com levas de migrantes que assustou a Igreja no passado continua causar insegurança. Não raro o alcance da Igreja é tardio e tardiamente ela começou a pensar sobre as migrações, quando o trem já estava sobre os trilhos com velocidade sempre maior.

A *Rerum novarum* de Leão XIII foi o “abre alas”. Desde então o Magistério da Igreja católica viu que não poderia mais se calar e que o interesse pelas migrações, o profetismo e o diálogo, não poderiam mais parar.

Se, nos séculos passados, assegurar os católicos para que não perdessem a fé em terras estrangeiras foi a primeira motivação ou preocupação missionária em relação ao migrante, hoje o Magistério vê o migrante como um potencial. E não só de trabalho, de “cérebro”, mas de valores éticos, humanos, culturais, etc. Não tem mais volta. O uso de uma linguagem e prática pastoral multicultural, multirreligiosa, multiétnica, pluralista, está sendo para o Magistério a tônica de seu desafio, a fim de que a aldeia global não seja mais só econômica, mas de valores, de convivência, de humanidade e fraternidade e onde enfim, se possa concretizar a máxima da voz do Magistério, a “unidade da família humana”.

## Bibliografia

- BATTISTELLA, Graziano (org.). “Migrazioni”, in *Dizionario socio-pastorale*. Milano: Edizioni San Paolo, 2010.
- BEDFORD Nancy E. “To speak of God from more than one place. Theological reflections from the experience of migration”, in PETRELLA Ivan (org.). *Latin American Liberation Theology. The next generation*. New York: Orbis Books, 2005.
- CARTA Mundial dos Imigrantes, proclamada em Gorée (Senegal) em 4 de fevereiro de 2011, por ocasião do FSM de Dakar. Disponível em <http://www.inesc.org.br/noticias/biblioteca/textos/o-que-esta-em-jogo-no-forum-social-mundial-2011>. Acesso em 15.08.2012.
- De PAOLIS, Velasio. *Chiesa e Migrazioni*. Quaderni SIMI, 2. Roma: Urbaniana University Press, 2005.
- DECLARACIÓN de los Obispos Católicos y participantes en la Reunión regional sobre migración, INSCAL – Informativo Scalabriniano da América Latina, Junho, 2011. Disponível em: [http://inscal.blogspot.com.br/2011\\_06\\_01\\_archive.html](http://inscal.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html). Acesso em 22.08.2012.
- MARINUCCI, Roberto. *Feminization of migration?*, in *REMHU*, ano XV, n. 29, 2007.

- MIGRANTES e empenho pastoral da Igreja: encontro dos Bispos sobre a situação na América Central, 24.05.2012. Disponível em: <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=33002&lan>. Acesso em 21.08.2012.
- NEGRINI, Angelo. "La Santa Sede y el fenómeno de la Movilidad Humana", in *People on the Move*, v. 34. n. 88-89, 2002.
- PARISE, Paulo. "A migração nos documentos da América Latina e no Caribe: uma abordagem teológico-pastoral", in *Revista Espaços*, ITESP, v. 19, n. 1, 2011.
- PONTIFICIA Comissione per la Pastorale delle Migrazioni e del Turismo. *Chiesa e Mobilità Umana. Documenti della Santa Sede dal 1883 al 1998*. TASSELLO Graziano e FAVERO Luigi (org.). Roma: CSER, 1985.
- TASSELLO, Giovanni Graziano. "Introduzione", in *FONDAZIONE Migrantes dela Conferenza Episcopale Italiana. Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni. Documenti magisteriali ed ecumenici sulla pastorale dela mobilità umana (1887-2000)*. Bologna: EDB, 2001.
- V Fórum Social Mundial das Migrações nas Filipinas em 2012. "Povos em Movimento pela Cidadania Universal", "Povos em Movimento pela Cidadania Universal". Disponível em: <http://alainet.org/active/50558>. Acesso em 13.08.2012.

### **Abstract**

#### ***The cry of migration and the teaching of the Church***

*In two thousand years of history of the Catholic Church, there have been many advances and retreats regarding the complexity related to migration flows. Based on the biblical inspiration "I was a stranger and you welcomed me", the Magisterium of the Church has been growing in importance regarding the category of "migrant". Particularly post Vatican II, migrants have been seen as potential actors, able to change the course of history, as propagators of new cultures, new experiences, new values, and new ways of living the ecclesial life. The cry of migration, whether for reasons related to war, economics, and climate change, calls the Church to action. Therefore, the Church is the link that can transform humanity, regardless of creed, race, social or economic level, into the large family of sons and daughters of God, "the great human family", according to the most recent teachings.*

**Keywords:** Magisterium of Church; Migrant; Human Family.

Recebido para publicação em 11/10/2011.

Aceito para publicação em 02/05/2012.

*Received for publication in October, 11<sup>th</sup>, 2011.*

*Accepted for publication in May, 02<sup>th</sup>, 2012.*